

AUTORIDADE PALESTINIANA

AUTORIDADE PALESTINIANA

Chefe de Estado:	Mahmoud Abbas
Chefe de Governo:	Salam Fayyad retencionista
Penal de morte:	4,3 milhões
População:	73,3 anos
Esperança média de vida:	23/18 por 1000
Taxa de mortalidade - menores de 5 anos (m/f):	93,8 por cento
Taxa de literacia nos adultos:	

Durante a Operação Chumbo Fundido, a ofensiva militar de 22 dias lançada por Israel que terminou a 18 de Janeiro, as forças e milícias do Hamas na Faixa de Gaza continuaram a disparar indiscriminadamente rockets e morteiros contra Israel, enquanto no interior de Gaza sequestravam opositores políticos e antigos prisioneiros acusados de "colaborar" com os serviços secretos israelitas. Alguns foram executados de forma sumária, outros foram espancados ou alvejados nas pernas. Ao longo do ano, as forças de segurança da Autoridade Palestiniana (AP) na Cisjordânia e as forças de segurança e milícias do Hamas em Gaza detiveram arbitrariamente centenas de membros e simpatizantes de facções rivais, mantiveram-nos detidos sem culpa formada ou julgamento e frequentemente sujeitaram os detidos a tortura ou a outras formas de maus-tratos. As forças de segurança da AP na Cisjordânia e o governo de facto de Gaza usaram força excessiva contra rivais armados, provocando várias mortes civis. Tanto a AP na Cisjordânia como o Hamas em Gaza continuaram a reprimir a liberdade de expressão. Os tribunais militares da Cisjordânia e de Gaza condenaram 17 pessoas à morte. Não houve execuções.

Antecedentes

Manteve-se a ocupação israelita da Cisjordânia, incluindo Jerusalém Oriental, e da Faixa de Gaza. Neste contexto operavam com poderes limitados duas autoridades não-estatais palestinianas separadas: na Cisjordânia, o governo interino da AP liderado pelo primeiro-ministro Salam Fayyad, nomeado pelo presidente Mahmoud Abbas do partido Fatah, e na Faixa de Gaza, a autoridade de facto do Hamas, liderada pelo ex-primeiro-ministro da AP Isma'il Haniyeh. A tensão entre a Fatah e o Hamas continuou, apesar das tentativas de reconciliação patrocinadas pelo governo egípcio.

Os grupos armados ligados ao Hamas cumpriram, na sua maioria, o cessar-fogo com Israel decretado no final de Janeiro, mas outros grupos armados palestinianos ligados à Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), à Fatah e à Jihad Islâmica continuaram periodicamente a disparar rockets e morteiros contra o Sul de Israel durante o ano. Apesar de indiscriminados, estes ataques não causaram vítimas civis israelitas.

O bloqueio militar de Israel a Gaza, em vigor desde Junho de 2007, continuou a ter um impacto devastador sobre a segurança alimentar, a saúde e as infra-estruturas civis. A crise humanitária causada pelo bloqueio foi agravada pela Operação Chumbo Fundido (ver entrada Israel e Territórios Palestinos Ocupados), a qual destruiu mais de 3000 casas e danificou outras 20 mil. Dezenas de edifícios civis, incluindo hospitais, clínicas e escolas, sofreram igualmente danos. As autoridades israelitas restringiram a entrada de bens essenciais, como gás de cozinha, e impuseram uma proibição total à importação de cimento, fazendo que os palestinianos recorressem cada vez mais ao contrabando através de túneis sob a fronteira entre Gaza e o Egipto. O recurso aos túneis, já de si pouco seguros, era ainda mais perigoso

devido aos ataques das forças israelitas. Dezenas de pessoas, incluindo crianças, foram mortas e feridas nos ataques contra os túneis.

Em Setembro, o relatório Goldstone do Conselho dos Direitos do Homem da ONU acusou tanto Israel como o Hamas de crimes de guerra em Gaza e no Sul de Israel durante a Operação Chumbo Fundido, e recomendou que os responsáveis fossem julgados. A autoridade de facto do Hamas não realizou qualquer investigação independente ou imparcial à conduta dos grupos armados palestinianos. Os responsáveis do Hamas afirmaram apenas que estavam dispostos a realizar uma investigação interna.

Homicídios dolosos

Durante e imediatamente após a operação militar israelita na Faixa de Gaza, as forças e milícias do Hamas levaram a cabo uma campanha de sequestros, assassinatos deliberados e ilegais, tortura e ameaças de morte contra pessoas que acusaram de "colaborar" com Israel e contra outros opositores e críticos. Mais de 30 civis foram sumariamente executados. Dezenas de outros foram alvejados nas pernas, nos joelhos ou em outros locais com intenção de causar uma deficiência permanente, ou foram gravemente espancados, torturados ou sujeitos a outras formas de maus-tratos. Estes abusos foram cometidos com impunidade, com a aparente aprovação da liderança do Hamas.

■ Saleh Jahjough, da localidade de Beit Hanoun, foi morto a tiro no Hospital de al-Shifa' no dia 21 de Janeiro. Tinha estado detido na Prisão Central de Gaza sob a acusação de "colaborar" com Israel, mas foi levado para o hospital após ter ficado ferido num ataque aéreo israelita contra a prisão.

Além dos assassinatos selectivos, pelo menos cinco civis inocentes foram mortos ou feridos na Cisjordânia e na Faixa de Gaza durante os violentos confrontos entre as forças de segurança palestinianas e grupos armados.

■ A 31 de Maio, um civil foi morto na localidade de Qalqiliya, na Cisjordânia, durante um tiroteio entre a polícia da AP e apoiantes armados do Hamas que resistiam à detenção. Três polícias e dois apoiantes armados do Hamas foram igualmente mortos.

■ A 14 e 15 de Agosto, pelo menos quatro civis morreram e vários ficaram feridos em Rafah, na Faixa de Gaza, durante um confronto entre as forças de segurança do Hamas e membros do Jund Ansar Allah, um grupo armado apoiante da al-Qaeda. No total, 24 pessoas morreram e mais de 100 outras ficaram feridas nos confrontos.

Abusos cometidos por grupos armados

O braço armado do Hamas e outros grupos armados palestinianos sediados em Gaza dispararam centenas de rockets e morteiros contra o Sul de Israel antes de o Hamas decretar um cessar-fogo a 18 de Janeiro. Os ataques mataram três civis e feriram gravemente pelo menos outros quatro. Várias casas foram danificadas.

■ Uriel Elazarov, de 7 anos, foi gravemente ferido por estilhaços na explosão de um rocket em Bersheva, no Sul de Israel, a 15 de Janeiro. Outros cinco civis ficaram feridos no mesmo ataque.

Após o cessar-fogo de 18 de Janeiro, a PFLP, a Fatah e a Jihad Islâmica continuaram a disparar esporadicamente rockets e morteiros contra o Sul de Israel.

O Hamas continuou a negar o acesso do CICV ao soldado israelita capturado Gilad Shalit, bem como as visitas da sua família. Em Outubro, o Hamas divulgou um vídeo de Gilad Shalit para provar que ele ainda estava vivo e em cativeiro.

Sistema judicial

Os sistemas judiciais da Cisjordânia e de Gaza continuavam a ser extremamente problemáticos. A AP continuava a proibir antigos membros do poder judicial e das forças de segurança de trabalharem para a administração de facto do Hamas em Gaza, e pagava-lhes para não trabalhar. O Hamas continuava a recorrer a procuradores e a juizes substitutos que frequentemente não tinham a necessária formação e qualificação. Na Cisjordânia, as forças de segurança da AP muitas vezes não cumpriam as decisões judiciais, ordenando a libertação de determinados prisioneiros.

Detenções arbitrárias

Centenas de pessoas foram presas de forma arbitrária e mantidas sob detenção sem acusação ou julgamento na Cisjordânia e em Gaza. Os detidos eram frequentemente pessoas suspeitas de ligações a partidos políticos rivais.

Tortura e outras formas de maus-tratos

As pessoas detidas na Cisjordânia e em Gaza eram frequentemente espancadas, sujeitas a privação de sono e forçadas a passar longos períodos algemadas em posições de esforço dolorosas (*shabeh*) durante os interrogatórios. As queixas de tortura raramente eram investigadas.

Mortes sob custódia

Na Cisjordânia, três pessoas morreram enquanto sob detenção das forças de segurança da AP. Todas tinham sido detidas por alegadas ligações ao Hamas e terão sido torturadas ou sujeitas a outras formas de maus-tratos sob custódia.

■ O enfermeiro Haitham Amr foi detido na sua casa nos arredores de Hebron a 11 de Junho por elementos do Serviço Geral de Informações da AP. A sua morte foi anunciada quatro dias depois. O seu corpo estava coberto de escoriações e o Ministro do Interior admitiu mais tarde que tinha sido torturado sob detenção. Num gesto raro, a AP levou os agentes acusados de envolvimento na sua morte a julgamento perante um tribunal militar.

Em Gaza, pelo menos quatro homens morreram sob custódia das forças de segurança do Hamas. Três deles terão sido alegadamente torturados.

■ Zayad Ayash Jaradat, residente em Rafah, morreu em Março enquanto sob custódia da polícia do Hamas na Faixa de Gaza, após ter sido detido por suspeita de crime. Terá morrido devido às agressões de que foi vítima por parte da polícia. O Ministério do Interior afastou 11 agentes de polícia, que foram detidos e aguardavam julgamento num tribunal militar.

Liberdade de expressão

As autoridades palestinianas da Cisjordânia e de Gaza limitaram a liberdade de imprensa e tomaram medidas contra os jornalistas que as criticaram.

Em Janeiro, as forças de segurança da AP na Cisjordânia detiveram e ameaçaram jornalistas que noticiaram a violenta repressão de manifestantes que protestavam contra a ofensiva israelita em Gaza. Ao longo do ano, as forças de segurança prenderam e perseguiram jornalistas dos canais de televisão por satélite al-Aqsa e al-Quds, meios de comunicação social tidos como próximos do Hamas. Em Julho, o governo da AP ordenou a suspensão das emissões da Al-Jazeera, mas foi forçado a recuar devido aos protestos da opinião pública.

■ Khaled Amayreh foi preso em Janeiro pela Agência de Segurança Preventiva da AP em Hebron e esteve três dias detido sem ser acusado de qualquer crime. Foi interrogado acerca

de uma entrevista que tinha dado ao canal de televisão Al-Quds, na qual tinha criticado a resposta da AP à ofensiva israelita em Gaza.

A 14 de Agosto, em Gaza, o Ministério do Interior do Hamas proibiu jornalistas de entrarem em Rafah durante os confrontos entre as forças de segurança do Hamas e o grupo Jund Ansar Allah. Em Novembro, o Hamas proibiu a realização de um encontro de jornalistas organizado pela Federação Internacional de Jornalistas.

■ Sari al-Qudweh, editor do jornal *al-Sabah*, foi detido, em Junho, em Gaza, pela autoridade *de facto* do Hamas. As forças de segurança do Hamas também revistaram a sua casa e os escritórios do jornal. Sari al-Qudweh foi libertado a 19 de Agosto.

Violência contra mulheres e raparigas

Cinco mulheres e uma rapariga de 16 anos foram alegadamente vítimas dos chamados crimes de honra, na sua maior parte cometidos por familiares do sexo masculino. Os responsáveis por estes crimes, quando julgados e condenados, recebiam geralmente sentenças leves, sendo frequentemente condenados a penas inferiores a três anos de prisão.

■ A 23 de Julho, Fadia Jawdat al-Najjar, uma mãe de cinco filhos divorciada, foi morta em Gaza. O seu pai, Jawdat al-Najjar, entregou-se à polícia no dia seguinte, confessando ter espancado a filha até à morte. Foi acusado de homicídio e aguardava julgamento no final de 2009.

Pena de morte

Os tribunais da Cisjordânia e de Gaza continuaram a condenar pessoas à morte, principalmente pelos crimes de homicídio e "colaboração", embora ninguém tenha sido executado. Na Cisjordânia, os tribunais militares da AP condenaram duas pessoas à morte por alegada "colaboração" e traição. Em Gaza, os tribunais militares do Hamas condenaram 14 pessoas à morte por "colaboração", traição e homicídio.

Visitas/relatórios da Amnistia Internacional

☞ Delegados da Amnistia Internacional visitaram a Cisjordânia e a Faixa de Gaza em Janeiro, Fevereiro, Junho, Julho, Outubro e Novembro.

☞ Autoridade Palestiniana: Campanha mortífera do Hamas a coberto da guerra em Gaza (MDE 21/001/2009)

☞ Israel/Gaza: Operação "Chumbo Fundido" – 22 Dias de Morte e Destruição (MDE 15/015/2009)

☞ Águas agitadas – Acesso justo à água negado aos palestinianos (MDE 15/027/2009)